

**O TRABALHO INDÍGENA NA AMÉRICA LATINA COLONIAL:  
ESCRAVIDÃO E SERVIDÃO COLETIVA**

**Fabiano Almeida Matos**

**RESUMO**

O trabalho indígena na América pré-colombiana diferia muito de uma região para outra. Na região onde se encontra o Brasil, por exemplo, os índios não tinham uma mentalidade de trabalho árduo e diário, mas apenas de produzir e caçar o que fosse necessário para a sua subsistência. Nas regiões conquistadas pela Espanha onde antes havia grandes impérios indígenas, o trabalho compulsório e produções de excedentes eram os fatores da expansão e da manutenção desses impérios. Mostramos como os espanhóis se aproveitaram dessa mentalidade para o trabalho e como os indígenas encaravam essa prestação de serviço aos seus conquistadores.

**Palavras-chave:** América Colonial, Escravidão, Servidão Coletiva.

**INTRODUÇÃO**

A história do Homem seria incompreensível se tentássemos analisá-la sem estudarmos o trabalho em todas as suas vertentes durante a sua existência na terra. Quando os homens descobriram a agricultura e seu maior rendimento em relação à caça, foi a primeira grande revolução que o trabalho traria para que as relações entre os homens se desenvolvessem. O filósofo John Locke, acreditava que o trabalho fazia com que o Homem adquirisse direito sobre o que modificava da natureza. Karl Marx define o trabalho como sendo:

Atividade racional orientada à produção de valores-de-uso, à incorporação de matérias naturais ao serviço das necessidades humanas; é condição eterna da vida humana e, portanto, independente das formas e modalidades desta vida e comum as formas sociais igualmente.

Vamos nos ater a definição de Marx, por utilizarmos suas categorias históricas como modo de produção, forças produtivas, meios de produção e outros na análise do trabalho indígena empregado nas colônias espanholas na América.

## **O TRABALHO INDÍGENA A SERVIÇO DOS ESPANHÓIS**

Nas áreas colonizadas por espanhóis na América do Sul e Central, o trabalho indígena foi desde o início dessa colonização a base da economia. No caso do Brasil, onde, o trabalho indígena foi utilizado apenas em uma primeira etapa de acumulação primitiva de capitais, como um dos fatores necessários para a formação de um novo modo de produção: o escravismo colonial. Em território colonial hispânico o braço indígena nunca deixaria de ser utilizado.

Ciro Flamarion Cardoso, em *O Trabalho na América Latina Colonial*, nos dá uma das alternativas a essa resposta quando em seus estudos indica que as áreas que se encontravam sobre o comando de Castela, eram ao contrário do território brasileiro, as mais bem povoadas das Américas. Com exceção de Cuba, onde o trabalho escravo foi utilizado, as outras áreas como a Indo-América, que ia do México boa parte da América Central, os Andes na América do sul e as áreas onde se desenvolveu atividade missionária como parte da Amazônia e o Paraguai, havia abundância de mão-de-obra.

Mas isso por si só não basta para explicar como os índios dessas regiões se submeteram a trabalhar para os seus conquistadores. Uma segunda assertiva sobre o assunto nos dão Stanley Stein e Barbara Stein, em *A Herança Colonial da América Latina*, onde afirmam que no início do processo de colonização dois fatores foram fundamentais: o recrutamento e o financiamento de bandos militares para eventual utilização em caso de revoltas e a conivência dos caciques e da nobreza ameríndia que ajudava na manipulação das comunidades para a obtenção de tributos e trabalho.

Entretanto, o mais decisivo para o sucesso dessas práticas em território hispânico foi o fato de que lá os índios já estavam acostumados ao trabalho compulsório empregado principalmente pelos grandes impérios incas, maias e astecas. O chamado modo de produção asiático era utilizado por esses povos antes da conquista, e por isso o trabalho forçado não pode ser encarado como altamente penoso aos índios. No Brasil,

por exemplo, onde mesmo as tribos mais avançadas nunca desenvolveram suas forças produtivas além do nível da subsistência e por esse motivo o trabalho metódico e rigoroso nunca foi aceito e as revoltas eram constantes.

## **O MUNDO DO TRABALHO ANTES DA CONQUISTA**

Ao se depararem com as riquezas do novo mundo que acabaram de descobrir, os espanhóis ficaram maravilhados com os avanços técnicos de verdadeiros impérios que então encontraram. Além de edificações monumentais, e um artesanato muitas vezes talhado em ouro, o que mais impressionou foram as técnicas produtivas impostas por esses povos.

Na análise da categoria histórica dos modos de produção, esses povos podem ser encaixados como utilizadores do modo de produção asiático ou servidão coletiva, denominado assim por Jesus, Oscar, Aquino:

O modo de produção asiático caracterizou-se pela existência combinada de comunidades aldeãs, onde predominavam formas propriedade comum do solo, organizadas sobre a base das relações de parentesco, e de uma unidade superior – o Estado – que controlava os recursos econômicos e se apropriava diretamente de uma parte do excedente do trabalho e da produção dessas comunidades.

As técnicas de produção baseadas em sistemas hidráulicos, reduziam o período de trabalho nas lavouras, e povos como os astecas se empenhavam apenas algumas semanas no trabalho, estando o resto do ano livre para as suas conquistas militares. Os Incas mantinham-se trabalhando durante todo o ano. Quando não estavam trabalhando nas terras do Estado, do sol, ou as de sua posse, eles se mantinham no trabalho minucioso da fabricação de ornamentos em ouro para os templos do sol ou trabalhando naquilo que consideravam sua maior riqueza que era a fabricação de tecidos. Em muitas comunidades todos trabalhavam inclusive mulheres e crianças. Fazer corpo mole ao trabalho era motivo de grande vergonha e castigos públicos.

Essa mentalidade comum voltada ao trabalho para uma produção de excedente e De materiais artesanais será muito útil aos espanhóis nos primeiros anos de dominação.

## **INDO-AMÉRICA: ENCOMIENDA, REPARTIMIENTO E ESCRAVIDÃO**

Então os índios não ficam doentes; seus ossos não doem, seus peitos não ardem, não sentem dores abdominais, não ficam tuberculosos nem sentem dor de cabeça. Àquela época o curso da humanidade era pacífico, mas os estrangeiros tornaram-no diferente quando aqui chegaram.

O Livro de Chilam Balam de Chumayel

Final do século XVII

Ciro Flamarion, em sua assertiva sobre a distribuição demográfica das Américas antes da conquista, conclui que essa distribuição deu origem a três áreas da América colonial: a Indo-América (México, Guatemala, Andes da América do Sul e parte da Amazônia), Afro-América (Cuba e Brasil), e Euro-América (Costa-Rica, Colômbia).

A região denominada de Indo-América, era a região mais populosa e com as civilizações mais desenvolvidas antes da conquista. Mesmo havendo uma queda brusca da população causada pelo choque epidemiológico no contato com ou europeus nos primeiros anos da colônia, em pouco tempo a população indígena voltou a se regenerar e o trabalho de escravos africanos requisitados nos anos de crise demográfica, logo foi retraído e novamente a base do trabalho da colônia voltou a ser o indígena e o mestiço.

A escravidão indígena na América espanhola foi restrita e ocorrendo mais em áreas de fronteira onde se podia caçar os índios bravos, pois estes se recusavam a servir os espanhóis pacificamente. Isso se levarmos as classificações usuais de escravidão, como esclarece Jacob Gorender em “O escravismo Colonial”, onde diz que para haver uma escravidão de forma completa são necessários dois fatores: a propriedade e a sujeição pessoal. Destes derivam mais dois: a perpetuidade e a hereditariedade. Estes fatores não afligiram a maioria da população indígena da Indo-América.

Na primeira etapa da colonização espanhola, uma forma de exploração do trabalho indígena foi a mais utilizada: a *encomienda*. Esta consistia que como prêmio de conquista as comunidades indígenas subjugadas eram obrigadas ao pagamento de tributos em gêneros ou prestações de trabalho.

A evolução dessa modalidade de trabalho foi o *repartimiento* de índios, ou apenas *repartimiento*. Aqui, as autoridades designavam equipes de índios para trabalhar em alguma propriedade por períodos previamente determinados.

O principal fato que propiciou essa evolução do sistema de trabalho foi não separar o índio de sua comunidade. Nesse sistema, Stanley e Bárbara Stein, destacam a grande importância dos líderes das comunidades indígenas (caciques), que faziam os camponeses aceitarem trabalhar para os espanhóis. Os dois pesquisadores vão além quando afirmam:

A efetiva preservação, organização e manipulação das comunidades indígenas necessitaram de correspondentes processos de urbanização, cristianização e incorporação das mesmas a economia da Europa ocidental.

Nessa afirmação, fica claro que esse sistema precisou se modernizar ainda mais para que o trabalho indígena continuasse a ser controlado sem muito esforço.

### **RAMOS DA ECONOMIA ONDE O TRABALHO INDÍGENA TEVE MAIS IMPORTÂNCIA: AGRICULTURA E MINERAÇÃO**

Os fazendeiros, donos de lojas, proprietários e compradores de gado costumam vender seus trabalhadores juntamente com as propriedades – O quê? Esses trabalhadores indígenas e empregados são livres ou escravos? – Não importa. Pertencem à fazenda e devem continuar nela a servir. Este indígena é propriedade do meu senhor.

Jerónimo de Mendieta, Historia

Eclesiástica Indiana, 1595 - 1596

Os principais ramos da economia onde se utilizou o trabalho indígena foram a agricultura e a mineração. As comunidades indígenas próximas eram pressionadas pela apropriação de suas terras. Estes procuravam trabalho nas propriedades de particulares que através de adiantamentos relativos à alimentação, bebidas, sacramentos de batismo e morte, tornavam estes empréstimos impossíveis de serem pagos e assim tornavam esses indígenas em escravos por dívidas.

Na agricultura prevaleceu a *hacienda* hispano-americana , grande propriedade rural possuída por um proprietário autoritário, utilizando mão-de-obra dependente, exigia pouco capital para a produção e produzia para um mercado restrito. A forma de trabalho utilizado era o *repartimiento* que no Peru se chamava *mita*. Quando os índios começaram a se desligar de suas comunidades outras formas de trabalho foram surgindo, como os *terrazgueros* e *peones*( México), *yanaconas* (Peru) , *inquilinos* (Chile), e *huasipungos* (equador).

Se a agricultura era o setor primário da economia, a mineração era o setor que multiplicava outros setores da economia devido a sua necessidade de centro consumidor. A produção se deu de inicio nas Antilhas e na América central, prioritariamente na forma de extração de ouro de aluvião, com emprego de índios escravizados.

Posteriormente com a descoberta das minas de prata no Peru e Alto Peru (Bolívia), o trabalho escravo foi substituído pela *encomienda*. Aqui os índios que faziam a *encomienda* podiam trabalhar durante a sua semana de descanso para receber um salário maior. Esse salário não era totalmente efetivo, já que em parte eram alimentos, tecidos e bebidas alcoólicas. Além do trabalho, uma parte do minério extraído acima da quantidade estipulada era entregue ao trabalhador (partido). Foi nas regiões de mineração onde os trabalhadores receberam a maior remuneração monetária.

## **UM NOVO AGENTE SOCIAL: O MESTIÇO**

Na Espanha, o fato de não se possuir ascendentes judeus ou árabes constitui uma espécie de título de nobreza; na América, a cor da pele ( mais ou menos branca) indica a posição social do individuo.

A. von Humboldt. *Essai politique sur le royaume de la*

*nouvelle Espagne*,1807

Pela incapacidade do Estado em controlar o fluxo total de europeus que se aventurava na busca por metais preciosos no interior da colônia, outro agente histórico do trabalho na colônia estaria por surgir: o mestiço.

De início incentivado pela metrópole, a união de europeus com filhas da nobreza ameríndia tinha o intuito de pacificar os índios. Mas principalmente nas áreas mineradoras, os europeus viviam como parasitas nas comunidades indígenas e tomavam as mulheres como suas esposas. Logo, as próprias mulheres ameríndias descobriram que o fruto dessas uniões não seria considerado índio, e, portanto, desobrigado do trabalho forçado e das restrições impostas aos índios.

Mas a sociedade da colônia até então dividida em duas classes, agora via o surgimento de uma terceira que não seria aceita por nenhuma das duas anteriores. Longe do trabalho forçado e muito mais da nobreza, eles se engajam no artesanato e em trabalhos assalariados ou se tornavam vagabundos e desocupados.

Com o desenvolvimento das *haciendas*, essas condições dos mestiços começaram a mudar, pois, a necessidade de trabalhadores livres para os cargos de capatazia e controle das massas de trabalhadores ameríndios, elevou o papel dos mestiços no mundo do trabalho da colônia.

## **O QUE DIZIA A IGREJA?**

Em sua primeira fase, a administração da colônia coube à Igreja que era encarregada de reunir os índios em *reduções* ou *aldeamentos* congregando em povoados relativamente grandes para facilitar o seu uso como trabalhadores, a cobrança de tributo indígena e a evangelização.

Sobre a obtenção do trabalho indígena nos falam Stanley e Barbara Stein:

O pároco trabalha lado a lado com o corregidor ou alcaide mayor. Quase invariavelmente espanhol ou criollo, mantido por dízimos e taxas religiosas, administrava aos indígenas os sacramentos aos quais tinham direito e serviam de mediador entre o cosmos e o mundo ameríndio, via legitimação da hierarquia, subordinação e controle.

Esse controle exercido pela Igreja era agora necessário para tornar os índios mais dóceis e trabalharem diariamente sem pensar em revoltas. As definições sobre trabalho compulsório afirmam que onde ele existiu, uma religião de Estado se fez

necessária para a obtenção do trabalho. Nos impérios incas e astecas, a religião servia para dar alegria ao trabalhador que em época de recrutamento tinha que antes de tudo laborar nas terras dos “deuses” e em seguida nas do Estado e por ultimo as de sua posse.

Mas a Igreja não era em todos os aspectos conivente com os desejos do Estado. A ordem jesuíta, por exemplo, sempre lutou quanto aos exageros na obtenção do trabalho indígena, disso nos fala Ciro Flamarion:

Para impedir as formas extremas de exploração dos índios, inclusive a sua escravização; e quando possível tendo em vista sua proteção, para segregá-los da população européia, negra e mestiça. A ação do famoso dominicano Las Casas foi importante em preparar as “leis novas” de 1542-1543 pelo imperador Carlos V, as quais mudaram consideravelmente o rumo das formas de trabalho indígena na América espanhola.

As missões realizadas pelos jesuítas principalmente em áreas de fronteira, tinham o intuito de evangelizar, catequizar e livrar os índios dos trabalhos escravos na mineração. Essas comunidades tiveram problemas no século XVIII, quando o tratado de Madrid, onde ficava estipulada a transferência dos índios para outra região, algo que os índios não aceitaram e decidiram lutar para permanecer em suas terras. Mesmo tendo a ordem expressa da igreja católica para abandonar o local, alguns missionários como o padre Lourenço Balda da missão de São Miguel, permaneceram e ajudaram a organizar o levante.

## **CONCLUSÃO**

Concluimos que o trabalho indígena utilizado na América espanhola teve sucesso por fatores geográficos e populacionais. Pelo fato do Estado dar a empresa colonizadora inicialmente a particulares que investiam em bandos militares para a coação de revoltas. Mesmo passando em sua primeira fase por algumas formas de escravidão, em sua maioria as massas de trabalhadores não eram destituídos de sua aldeia. A convivência dos líderes indígenas que ajudavam a convencer as massas a prestar serviços aos conquistadores, e principalmente o fato de os espanhóis encontrarem culturas acostumadas ao trabalho metódico e diário, uma ética do trabalho antes explorada por grandes impérios pré-colombianos foi determinante para o sucesso no uso do trabalhador ameríndio na formação das colônias hispânicas no novo mundo.



## NOTAS

WEFFORT, Francisco C. Os Clássicos da Política, 1º volume. 3ª ed, São Paulo: Editora Ática, 1991, p.85

MARX, Karl. El Capital. Trad. De W. Roces. México, Fondo de Cultura Económica, 1968. p.136.

GORENDER, Jacob. O Escravismo Colonial. 6ª ed, São Paulo: Editora Ática, 1992, p. 39.

FRAGOSO, João. O Antigo Regime nos Trópicos: A Dinâmica Imperial Portuguesa (Séculos XVI-XVII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 70

CARDOSO, Ciro Flamarion S. O Trabalho na América Latina Colonial. 2ª ed, São Paulo: Editora Ática, 1988, p.13

STEIN, Stanley J. e STEIN, Bárbara H. A Herança Colonial da América Latina: ensaios de dependência econômica. 3ª ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p.50

AQUINO, JESUS, OSCAR. História das Sociedades Americanas. São Paulo: Record, 2004. p.48

CARDOSO, Ciro Flamarion S. Op.Cit., p.14

GORENDER, Jacob. Op.Cit., p.48

STEIN, Stanley J. e STEIN, Bárbara H. Op.Cit., p.53

STEIN, Stanley J. e STEIN, Bárbara H. Op.Cit., p.62